



*José Cardoso Pires*

## DENTE DE OURO, O VAMPIRO-ALMIRANTE

**E**ntre a Adega dos Perus, à Praça do Chile, e os bilhares da Cervejaria Portugália, na Avenida Almirante Reis, é que os pequenos corsários da Lisboa-Leste daquele tempo parlamentavam à meia-boca os seus golpes contra as galdérias de má-vida. Designavam-se a si mesmos por “imperadores” (“imperadores do Chile”), porque era a partir da Praça do Chile que iniciavam a descida à cidade nocturna, vindos de Arroios, do Alto Pina ou das azinhagas da Picheleira.

**Sempre de luto carregado por deveres de profissão, abria-se em sorrisos diante do pano do bilhar e, nessa altura, todo ele era brilhos, desde os anéis dos dedos aos dentes dourados que lhe iluminavam o falar. À margem dos defuntos e dos rituais penosos, Dente de Ouro prestava uma ou outra assistência a este ou àquele “imperador” que o abordava para um negócio de aflição.**

Vestiam à castigador segundo o figurino americano das fitas da série C e assobiavam os “swings” do Glenn Miller, que então estavam na moda na Orquestra Casanova, a dos bailes mais selectos das academias de bairro. Foi numa dessas sessões recreativas que conheci o escultor Lagoa Henriques, muito tímido e curioso, a ver passar os leões.

Desdenhosos e de sobranceira levantada,

nunca vi imperadores mais receosos do que aqueles. Farejavam à distância os bares do Cais Sodré ou as mariposas da Avenida, que era onde faziam lei os chulos de protocolo com a polícia. Bordejavam o Intendente em aproximações comedidas; espreitavam por entre o fumo, mediam o clima. À falta de melhor, iam abater desgraçadinhas para os bailes das Manas Pretas e para a Academia Nova Euterpe, recheados de viúvas inconformadas, ou tentavam as “soirées” dos clubes radiofónicos, onde as meninas de bairro se deixavam apalpar pelas costuras sem nunca se virarem pelo avesso.

Estes imperadores da noite andavam aos restos e à babugem, era o que era. Comiam de biscate e passavam ao penhorista o que lhes viesse à mão, desde roupa de cama a relógios de circunstância, porque ao balcão do invejoso todo o negócio merece avaliação. Depois, mais aconchegados, iam até aos bilhares da Cervejaria Portugália fazer horas e espaiar-se.

Aí quem reinava eram os “almirantes”, assim chamados porque aquela central se situava em plena Avenida Almirante Reis. Bilharistas às três tabelas, batedores de sueca brava ou praticantes de dominó em sintaxes mafiosas, os almirantes eram na sua maioria “chauffeurs” de praça de bandeirada à má-fila, negociantes de improviso e dizia-se que um ou outro carteirista necessitado de afinar a mão nas subtilidades do taco e do “massé”.

Recordo-me que entre os bilharistas mais solenes havia um agente funerário que dava pelo nome de Dente de Ouro. Sempre de luto carregado por deveres de profissão, abria-se em sorrisos diante do pano do bilhar e, nessa altura, todo ele era brilhos, desde os anéis dos

dedos aos dentes dourados que lhe iluminavam o falar. À margem dos defuntos e dos rituais penosos, Dente de Ouro prestava uma ou outra assistência a este ou àquele imperador que o abordava para um negócio de aflição. Ouro apenas. Aneizinhos em fio débil, medalhinhas infantis e coisas assim.

Numa tarde assaz equívoca, um certo Machadinho entrou na Portugália e apresentou-me na concha da mão uma dentadura postiça ilustrada com dois incisivos de ouro legítimo. Mercadoria especiosa, havemos de concordar. E, pior ainda, nada acessível à mentalidade conservadora dos penhoristas.

Mas o dito Machadinho referiu que se tratava do espólio duma viúva que, a pedido do falecido, fora obrigada a reproduzir na dentadura postiça os dois incisivos de ouro que ele sempre lhe admirara desde a hora em que tinham dado o sim na igreja do Socorro. O homem tinha aquela paixão, que se havia de fazer?, e queria que ela se perpetuasse na boca da esposa mesmo depois de desdentada.

“Compreendo”, disse o almirante-funerário, medindo a peça com os olhos a luzir. “Há por aí muito menino para quem a dentadura bem servida é um programa de cama de primeira.”

Dito isto, assumiu com gravidade o ar penalizado das ocasiões oficiais e ficou mais lutuoso do que nunca. Parecia realmente preso ao objecto, via-se bem. Afagou-o, meditou-o. Finalmente fez-lhe o preço que lhe pareceu e, sem esperar resposta, abriu a carteira.

Por curiosidade, e só por curiosidade, levou a dentadura para casa e parece que ainda hoje a conserva à mesa de cabeceira. ●